

O sítio pré-histórico do Paço (Peniche): uma varanda calcolítica sobre o Oceano

*UNIARQ - Centro de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa
**PATRIMONIUM - Centro de Estudos e Defesa do Património da Região de Peniche
***CEG - Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa
****FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia

Cátia Delicado* | **
delicadocs@gmail.com

Luís Rendeiro**
constaborges@hotmail.com

André Texugo* | *** | ****
andrelopes@campus.ul.pt

André Pereira*
andreperreira@letras.ulisboa.pt

Os autores escrevem segundo o Acordo Ortográfico de 1945

Resumo O sítio arqueológico do Paço, localizado entre os concelhos de Peniche e Lourinhã, evidencia uma ocupação em altura, possivelmente murada, cuja componente artefactual é composta principalmente por materiais enquadráveis nas tipologias regionais datados do III milénio a.C., destacando-se a presença de cerâmica com decoração do tipo “folha de acácia”, Campaniforme ou mesmo cerâmicas com decoração penteada.

Sobre este sítio arqueológico, considerando o seu enquadramento geo-espacial, permite pensar as ocupações antrópicas regionais, desenhando-se *clusters* e/ou fenómenos de isolamento físico entre os sítios. Para além de uma análise de visibilidade espacial, foram ainda testadas as rotas óptimas entre sítios arqueológicos congéneres e, possivelmente, contemporâneos, ficando espelhada a necessidade de trabalhos de prospecção que permitam testar os caminhos, tendências e comportamentos sociais deduzíveis das análises realizadas.

Abstract The archaeological site of Paço, located between the municipalities of Peniche and Lourinhã, corresponds to a height occupation, possibly to a walled enclosure. Its artefactual set is mainly composed of materials that can be chronologically fitted in the regional assemblages of the 3rd millennium BC. Emphasis must be drawn on the presence of ceramics with “Acácia leaf” decorations, Bell Beaker motifs and Combed decorated vessels.

This geospatial framework of the understudy archaeological site allows us to think about regional anthropic occupations, drawing clusters and/or phenomena of physical isolation between similar archaeological expressions. In addition to an analysis of spatial visibility, the optimal routes between similar and possibly contemporary archaeological sites were also tested, mirroring the need for surveying works, that would allow testing the paths, trends and social behaviours deductible from the analyses carried out.



1. Nota prévia

A análise artefactual e espacial que aqui se apresenta resulta dos trabalhos de prospeção arqueológica, desenvolvidos no âmbito do Estudo de Impacto Ambiental dos Parques Eólicos na Lourinhã, adjudicados à empresa EMERITA (Monteiro & Pereira, 2011)¹. A este, junta-se um único fragmento de “folha de acácia”, recolhido durante as prospeções efectuadas no âmbito do projecto da Carta Arqueológica de Peniche, em 2016.

Com o intuito de proceder a uma abordagem completa do sítio arqueológico, incluíram-se as descrições artefactuais de Helena Moura (1987), o conjunto artefactual descrito por Anabela P. de Sá e António Chéney no seu artigo (2007) e as considerações feitas por André Texugo e Tiago do Pereiro, no seu relatório final sobre as prospeções realizadas na Revisão do Plano Director Municipal de Peniche (2017).

A ausência de sondagens de diagnóstico dentro da área do sítio arqueológico, de modo a permitir uma caracterização preliminar ao nível da sua crono-estratigráfica e delimitação da área ocupacional, é, de facto, a necessidade

mais imediata quanto à investigação deste espaço. Como tal, considerando esta grande limitação, o principal âmbito deste trabalho passa por tentar uma aproximação às dinâmicas ocupacionais do Planalto das Cesaredas, e a sua interacção com os sítios congéneres da Estremadura Atlântica (Fig. 1).

Assim sendo, esta análise pretende, por um lado, compilar toda a informação dispersa sobre o sítio pré-histórico do Paço, a fim de facilitar futuras investigações na região, mas também maximizar os dados já recolhidos, relacionando-os com as espacialidades e mobilidades das comunidades pré-históricas, numa abordagem baseada em SIG (Sistemas de Informação Geográfica).

2. História das investigações

A história das investigações do Paço encontra-se intimamente relacionada com os trabalhos em torno do Maciço Calcário das Cesaredas, onde o mesmo se implanta. Este território foi alvo de diversas investigações arqueológicas desde meados do século XIX, por parte de investigadores como Nery Delgado, responsável

¹ Este trabalho foi realizado no âmbito do projecto ArchaeoRosetta – Remote sensing in West Portugal, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, através da Bolsa de Doutoramento “SFRH/BD136086/2018”.



Fig. 1 – Vista geral O-E sobre o sítio arqueológico do Paço.



Fig. 2 – Vista geral NO-SE sobre o sítio arqueológico do Paço.

pela identificação da gruta da Casa da Moura e Gruta da Malgasta (Delgado, 1867), Leite de Vasconcelos, com a Gruta da Cesareda (Vasconcelos, 1910), Octávio da Veiga Ferreira e a Lapa Furada (Ferreira, 1970), ou mesmo João Zilhão, com a Gruta da Feteira (Zilhão, 1984).

Os dados obtidos por estes investigadores, associados às intervenções realizadas no *tholos* do Paimogo, entre 1971–1973 (Spindler & alii, 1972), ou ainda os achados dos braceletes de ouro da Quinta da Bandurra (Paço & Vaultier, 1945), podem ter servido de alavanca para as prospeções realizadas por Helena Moura, em 1987, no âmbito da Carta Arqueológica de Peniche. Estas prospeções culminaram na identificação do sítio arqueológico aqui em estudo (Moura, 1987).

Numa primeira análise, Helena Moura acabaria por identificar naquele planalto um povoado fortificado, através da verificação da existência de muros na vertente norte, com cerca de 70 m, e a oeste, com cerca de 30 m, com uma forma elipsoidal (Moura, 1987).

O conjunto recolhido revela cerâmicas de pasta grosseira, impossíveis de classificar formalmente e tipologicamente. Com algumas reservas, Helena Moura enquadrou este local em cronologias calcolíticas ou do Bronze Inicial (Moura, 1987). Contudo, as investigações realizadas no âmbito da Carta Arqueológica de Peniche, acabariam por ficar no profundo desconhecimento, sem referência na base de dados do Endovélico.

Em 2007, Anabela de Sá e António Chéney iniciaram prospeções na área, no âmbito do *Projecto de Execução da Ampliação do Sistema de Saneamento do Paço*, trazendo o sítio do Paço à “realidade” das investigações arqueológi-

cas. Os investigadores identificaram, na vertente oeste da plataforma, um muro com 1,70 m de largura, que a delimitava, inflectindo gradualmente para este, criando, assim, um recinto ovalado (Sá & Chéney, 2007). Na vertente oposta, identificaram igualmente vestígios de uma estrutura com a mesma largura que

deverá ter sido parcialmente destruída, em meados de 1940, para o arroteamento dos terrenos.

Em 2011, André Pereira e Mário Monteiro realizam novas prospeções arqueológicas nesta área, no âmbito do *RECAPE do Parque Eólico da Lourinhã I*. Foi efectuado um levantamento topográfico de toda a plataforma, incluindo as estruturas existentes, e efectuadas recolhas de superfície na área circunscrita ao local. Identificou-se um troço de muro, ainda visível e aparentemente preservado, no sentido oeste-este (Pereira & Monteiro, 2011). Dentro da área murada observam-se frequentes materiais de superfície, que levaram os autores a enquadrar a sua utilização cronológica entre o Neolítico Final e o final do Calcólítico (Monteiro & Pereira, 2011) (Fig. 2).

Em 2016, Luís Rendeiro e Adriano Constantino, no decorrer do projecto *CAP – Carta Arqueológica de Peniche*, realizada pela Associação *Patrimonium*, iniciam a monitorização do estado de conservação de alguns pontos arqueológicos já identificados no Planalto das Cesaredas, entre os quais, o sítio do Paço. Com o apoio da população local, foram identificadas outras realidades arqueológicas desconhecidas até então, como a Gruta da Barroda 3 (Rendeiro, Constantino & Delicado, 2019), localizada a cerca de 100 m da plataforma do sítio, com cronologias análogas. Os autores confirmaram a presença dos muros anteriormente identificados (Rendeiro & Constantino, 2016).

Recentemente, em 2017, André Texugo e Tiago do Pereiro levaram a cabo novas prospeções, estas enquadradas no âmbito da *Revisão do Plano Director Municipal de Peniche*, reavaliando cerca de 26 sítios referenciados na Carta

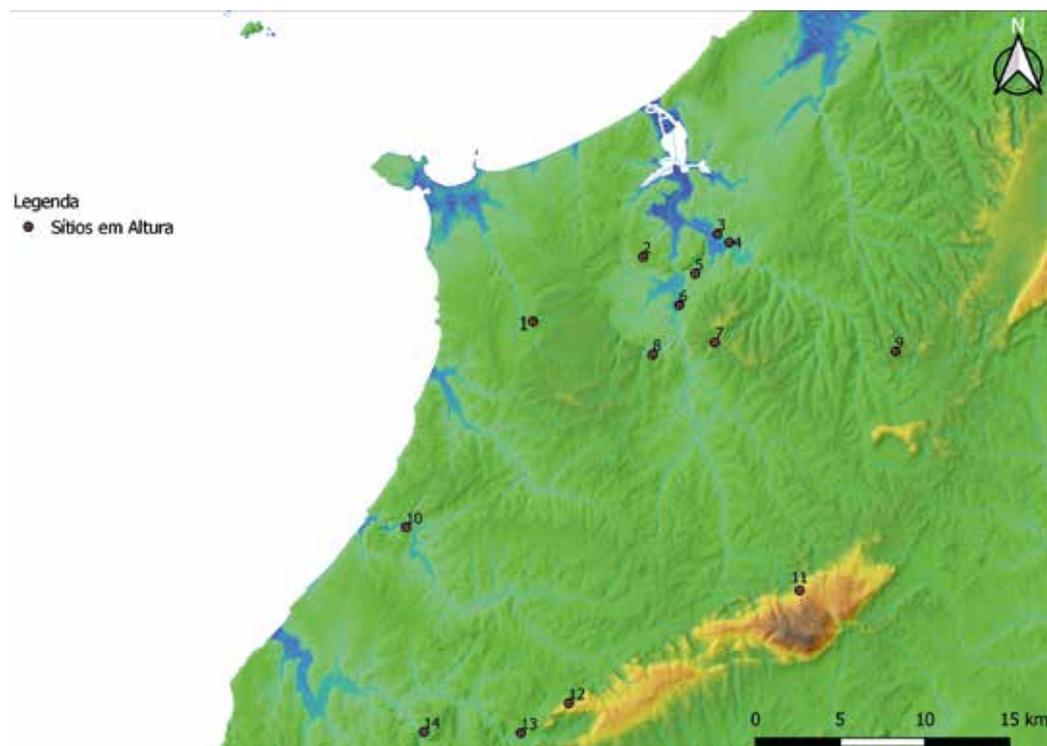


Fig. 3 – Mapa de implantações de sítios em altura na área em estudo:
 1) Paço;
 2) Vale do Carvoeiro;
 3) Outeiro da Assenta;
 4) Outeiro de Santo Antão;
 5) Arneiro II;
 6) Outeiro de São Mamede;
 7) Cabeço de Vide;
 8) Castro da Columbeira;
 9) Charneca de São Gregório 2;
 10) Pico Agudo;
 11) Pragança;
 12) Castro da Achada;
 13) Fórnea;
 14) Zambuçal.

Arqueológica de Peniche, entre os quais o local aqui em estudo.

Desde da génese da sua identificação, o Paço não parece apresentar grandes dúvidas quanto à sua integração cronológica entre os finais do IV milénio a.C. e o decurso do III milénio a.C. Contudo, apenas a execução de uma escavação arqueológica poderá permitir um maior rigor no balizamento cronológico desta expressão antrópica.

3. Localização e implantação

O sítio arqueológico do Paço (Peniche), assume o topónimo do lugar mais próximo a este, situando-se entre múltiplas fronteiras administrativas actuais: em primeiro plano entre os concelhos de Peniche e Lourinhã e, num segundo, na linha divisória entre as freguesias de Atougua da Baleia e de São Bartolomeu e Moledo. Este arqueossítio tem ainda a peculiaridade de ser dividido por dois distritos — o de Leiria e o de Lisboa. Posiciona-se, segundo a folha n.º 337 e 349 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25 000), nas coordenadas geográficas (*datum* WGS84) Latitude: 39°18'5.56"N e Longitude: 9°16'38.88"W (Fig. 3).

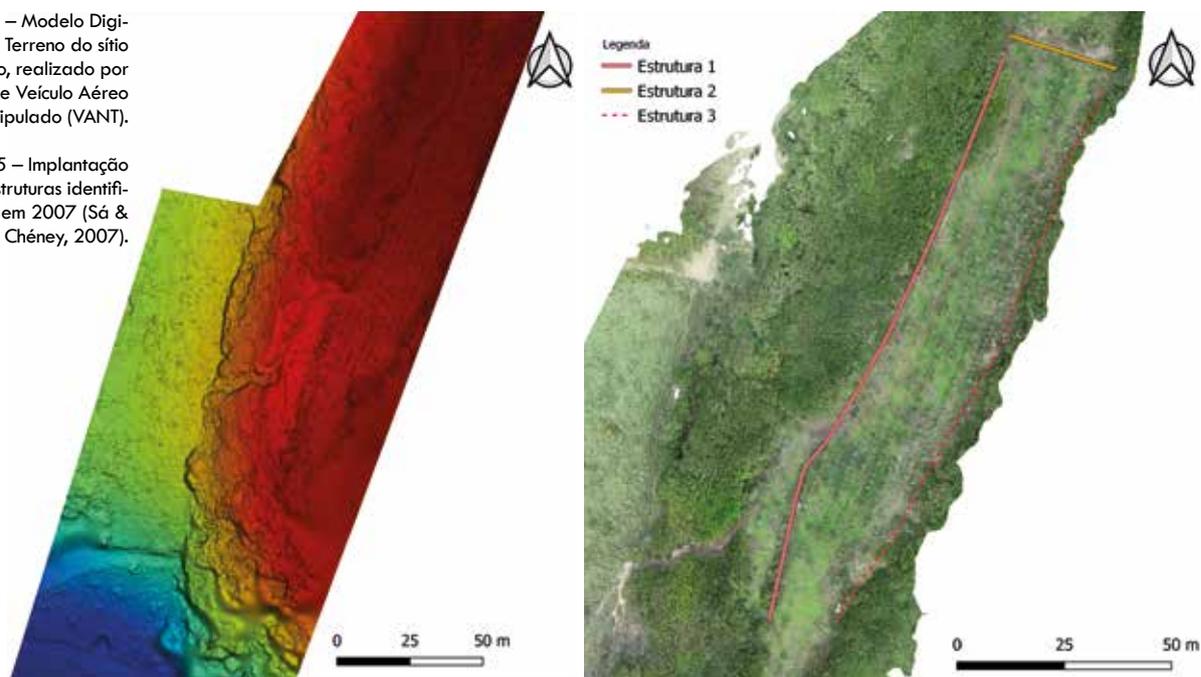
Localizando-se a uma altitude de 133 m, no topo

de um esporão calcário, denominado por Planalto das Cesaredas, o Paço apresenta um discreto domínio sobre a paisagem, encontrando-se, actualmente, a 6 km do mar. Em seu redor, encontra-se a oeste, o vale de Bolhos. A sua vertente leste é composta por escarpas calcárias sobranceiras ao Vale Paraíso, que é atravessado por uma linha de água sazonal pertencente à bacia hidrográfica do rio de São Domingos. A norte, estende-se a plataforma planáltica das Cesaredas e, na extremidade sul, novamente escarpas calcárias, resultantes de uma realidade geológica (falha).

A litologia local, implantada no extremo sul do Planalto das Cesaredas, é denominada como formações calcárias do Caloviano («Calcários de Cesareda»). Estas, que dominam a unidade da região da Serra de El-Rei desenvolvendo-se em direcção N-NE, representam um extenso afloramento entre a extrusão de Bolhos. O limite, a sul, faz-se com os calcários micríticos beges e acastanhados do Bajociano («Calcários de Cabreira»), com os quais contacta por falha, e Olho Marinho, já a norte de Columbeira (Manuppella & *alii*, 1999). A sucessão litológica, onde se implanta o arqueossítio, é constituída por uma alternância monótona de argilas carbonatadas e de calcários com elementos de quartzo e feldspato. O sítio arqueológico fica ainda sobranceiro ao complexo

Fig. 4 – Modelo Digital de Terreno do sítio do Paço, realizado por meio de Veículo Aéreo Não Tripulado (VANT).

Fig. 5 – Implantação das estruturas identificadas em 2007 (Sá & Chéney, 2007).



plio-pleistocénico dos Bolhos, depressão que corresponde ao vale tifónico dos Bolhos, constituído maioritariamente por areias correspondentes ao Pliocénico, havendo ainda argilas e areias sobrepostas pertencentes ao Quaternário (França, Zbyszewski & Almeida, 1960).

Quanto ao uso actual do solo, este caracteriza-se pela plantação de eucaliptos que percorre a extensão da mancha de dispersão de materiais arqueológicos. Nas zonas limítrofes, encontra-se coberto por uma vegetação densa de carrascos, zambujeiros e com esparsos pinheiros.

4. Descrição do sítio

O esporão onde se encontra o sítio arqueológico do Paço foi substancialmente afectado pelas diversas acções agrícolas relacionadas com o eucaliptal existente, delimitado por morouços de pedra (Moura, 1987; Sá & Chéney, 2007). É-nos apresentado como um pequeno povoado (Sá & Chéney, 2007) e como um povoado fortificado, com reservas, por Helena Moura (1987), tendo sido revisitado no âmbito de estudos patrimoniais (Moura, 1987; Sá & Chéney, 2007; Monteiro & Pereira, 2011–2012; Rendeiro & Constantino, 2016; Texugo & Pereiro, 2017). Nestes trabalhos há um total consenso quanto à mancha de dispersões de materiais pré-históricos, que se estende desde o muro perpendicular ao desenvolvimento

do esporão até ao penedo no extremo sul, perfazendo uma área aproximadamente de 0,5 ha. O arqueossítio é naturalmente definido por escarpas a leste e a sul, sendo que a oeste ainda que não se encontrem presentes escarpas. A forte pendente dificultaria o acesso ao topo da elevação, caso não existisse a formatação de um trilho de acesso.

Em todos os trabalhos prévios foi referida a presença de estruturas de construção em pedra seca (Moura, 1987; Sá & Chéney, 2007; Monteiro & Pereira, 2011–2012; Rendeiro & Constantino, 2016; Texugo & Pereiro, 2017). Estas caracterizam-se por serem compostas por blocos facetados de modo rudimentar, “toscamente dispostas de forma linear sem argamassa de ligação” (Sá & Chéney, 2007), tendo sido descritas três possíveis realidades. A primeira, que se prolonga de NE–SO, com um comprimento de cerca de 300 m, tem 1,70 m de espessura, localizada no extremo oeste do planalto. A estrutura 2, que é perpendicular à anterior no extremo norte do local e que, actualmente, delimita a plantação de eucaliptos, conta com uma espessura pouco clara, face ao seu derrube. Já na vertente este, referenciam-se uns escassos vestígios de uma estrutura com a mesma largura, coberta por intensa vegetação (Sá & Chéney, 2007). Estas realidades arqueológicas dão origem à proposta dos autores para uma planta de um possível recinto ovalado (Fig. 5).

O modo de construção das estruturas é semelhante entre si, tendo sido reconhecido que a composição do muro delimitador a norte é constituído por pedras de diferentes dimensões, podendo assemelhar-se aos métodos construtivos calcolíticos detectados no Zambujal (Kunst, 1996), Penedo do Lexim (Sousa, 2010), Ota (Texugo, 2016), entre outros. A presença pode relacionar-se com a necessidade de delimitar o sítio, ou mesmo de dificultar o acesso ao local pelos acessos mais expostos (norte e oeste). No entanto, nas visitas feitas ao local, no âmbito dos trabalhos de mapeamento projecto *ArchaeoRosetta — Remote sensing in West Portugal* — não foi possível detectar a estrutura no extremo este,

como havia sido referenciado em trabalhos prévios (Sá & Chéney, 2007). Ainda assim, foram descobertas outras duas estruturas de cariz antrópico, localizadas no extremo este do sítio. Estas, apresentam uma tendência circular e com diâmetros a rondar os 4 m, permanecendo por determinar a sua cronologia. Desconhece-se também a relação que esta possa ter, eventualmente, com a estrutura 3 — o muro delimitador a leste — não reconhecida nos trabalhos mais recentes (Fig. 6).

Tanto a estrutura 4, como a 5, são de tendência circular, de construção de pedra seca com grande variabilidade nos tamanhos e com formatação pouco definida. Associado à estrutura 4 foram encontrados alguns fragmentos de cerâmica manual incaracterísticos. A presença de construções antrópicas no sítio do Paço pode dever-se, por um lado, ao lugar proeminente que ocupa sobre a paisagem adjacente. Para além disto, o facto de congregar em si condições excepcionais de habitabilidade, como é o caso do rápido acesso à água, terrenos férteis, a zonas piscatórias e de recolha de marisco, aproximam o sítio do Paço de expressões humanas coetâneas a nível regional e cronológico.

Como apontamento final salienta-se a exis-

tência de uma gruta natural, Barroda 3, sobranceira ao sítio arqueológico aqui em estudo. Esta, já estuda noutro contexto (Rendeiro, Constantino & Delicado, 2018), pode ser relacionada com um fenómeno, aparentemente, cada vez mais recorrente, da associação entre habitats e grutas naturais/artificiais, em proximidade com os sítios (Cardoso, 2004).

5. Materiais arqueológicos

Os materiais arqueológicos recuperados no sítio do Paço parecem indiciar uma ocupação possivelmente de carácter doméstico, tipo habitat, estando identificadas as principais categorias artefactuais do Neolítico/Calcolítico. Alguns elementos como os exemplares de adorno e artefactos utilitários em osso estão ausentes, contudo, face à prevalência dos trabalhos efectuados (RECAPE e prospecções para elaboração de carta arqueológica), baseada essencialmente em recolhas de superfície, a sua ausência está bem justificada.

A leitura do conjunto artefactual permite a integração crono-cultural no final do IV até ao terceiro quartel do III milénio a.C. A pre-

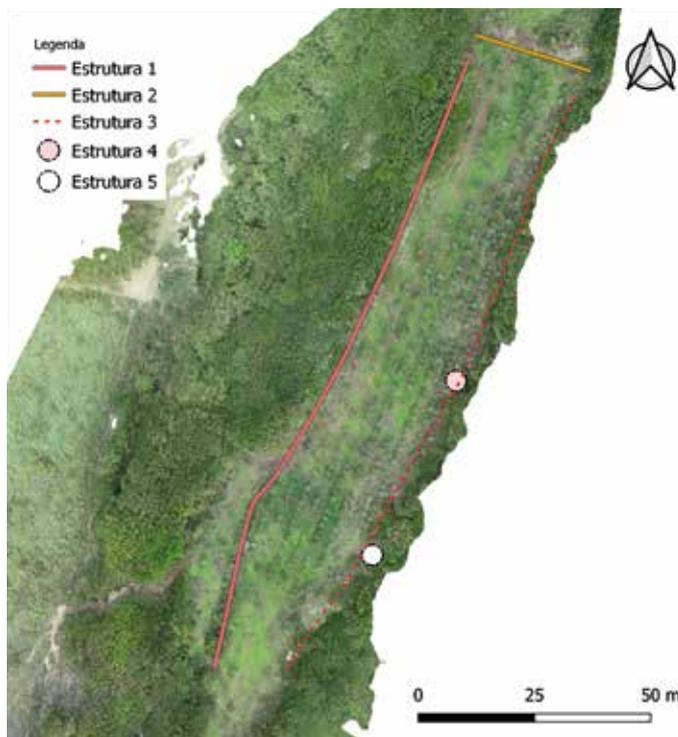


Fig. 6 – Implantação das estruturas de 2007 (Fig. 5) e das realidades identificadas no âmbito do presente estudo.

Lista de materiais pré-históricos recolhidos no povoado do Paço						
	Recolhas 1987 (Moura, 1987)	Recolhas 2007 (Sá & Chéney, 2007)	Recolhas 2011 RECAPE do Parque Eólico Lourinhã II	Recolhas 2016 (Rendeiro & Cons tantino, 2016)	Recolhas 2017 (Texugo & Pereiro, 2017)	Total
Pedra lascada +						
Núcleo de lascas			6			6
Núcleo de lamelas			1			1
Lamelas			1			1
Lâminas			2			2
Lascas retocadas			4			4
Lascas			4			4
Furador			3		+	3
Denticulado			1			1
Restos de talhe			5		+	5
Esquírolas			2			2
Seixos talhados			4			4
Tablette			1			1
Pedra polida						
Machado			3			3
Pedra afeiçãoada						
Percutor			1			1
Polidor			3			3
Recipientes cerâmicos +						
Lisos						
Caçoilas			6			6
Esféricos			10			10
Calote			3			3
Globular			1			1
Carenado			3	+		3
indeterminados			7			7
Decorados						
Decoração penteadada			4			4
Impressa			1			1
Vaso mamilado			2			
Caneluras			2			
Folha de Acácia/ Crucífera		+	7	+		9
Campaniforme		+	2			2
Indeterminado			1			1
Componentes de tear						
Placa perfurada			2			
						96

sença de cerâmica com decoração geométrica do tipo “folha de acácia” é especialmente importante na integração cronológica do Paço no Calcólítico Pleno (entre o segundo e terceiro quartéis do III milénio a.C.). Tendo em conta as diversas tipologias materiais recuperadas, é possível sugerir que distintas práticas sociais ocorreriam no espaço onde se implanta o sítio do Paço.

5.1. Indústrias líticas

Foram recolhidos 34 elementos em pedra lascada, três em pedra polida e quatro em pedra afeiçãoada. Este conjunto, embora pouco variado ou expressivo relativamente ao seu conteúdo, forneceu algumas informações relativamente a possíveis contactos e mobilidades.

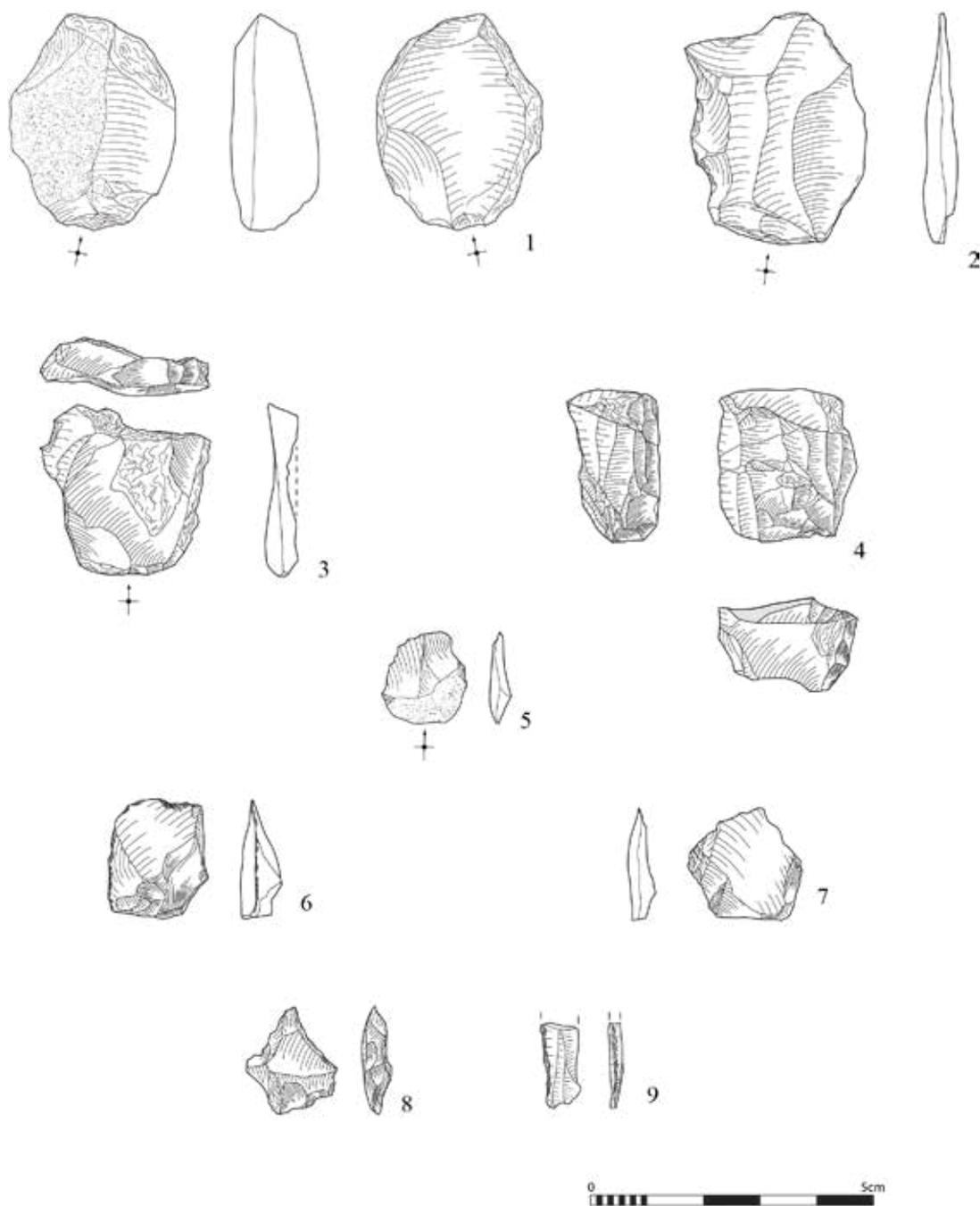


Fig. 7 – Elementos de pedra lascada do Paço: 1) núcleo de lamelas em sílex; 2) lasca retocada; 3) *tablette* em sílex; 4) núcleo de lamelas em sílex; 5) lasca de descorticação em sílex; 6) peça esquirolada em sílex; 7) lasca retocada em sílex; 8) furador sobre lasca; (9) lamela retocada em sílex.

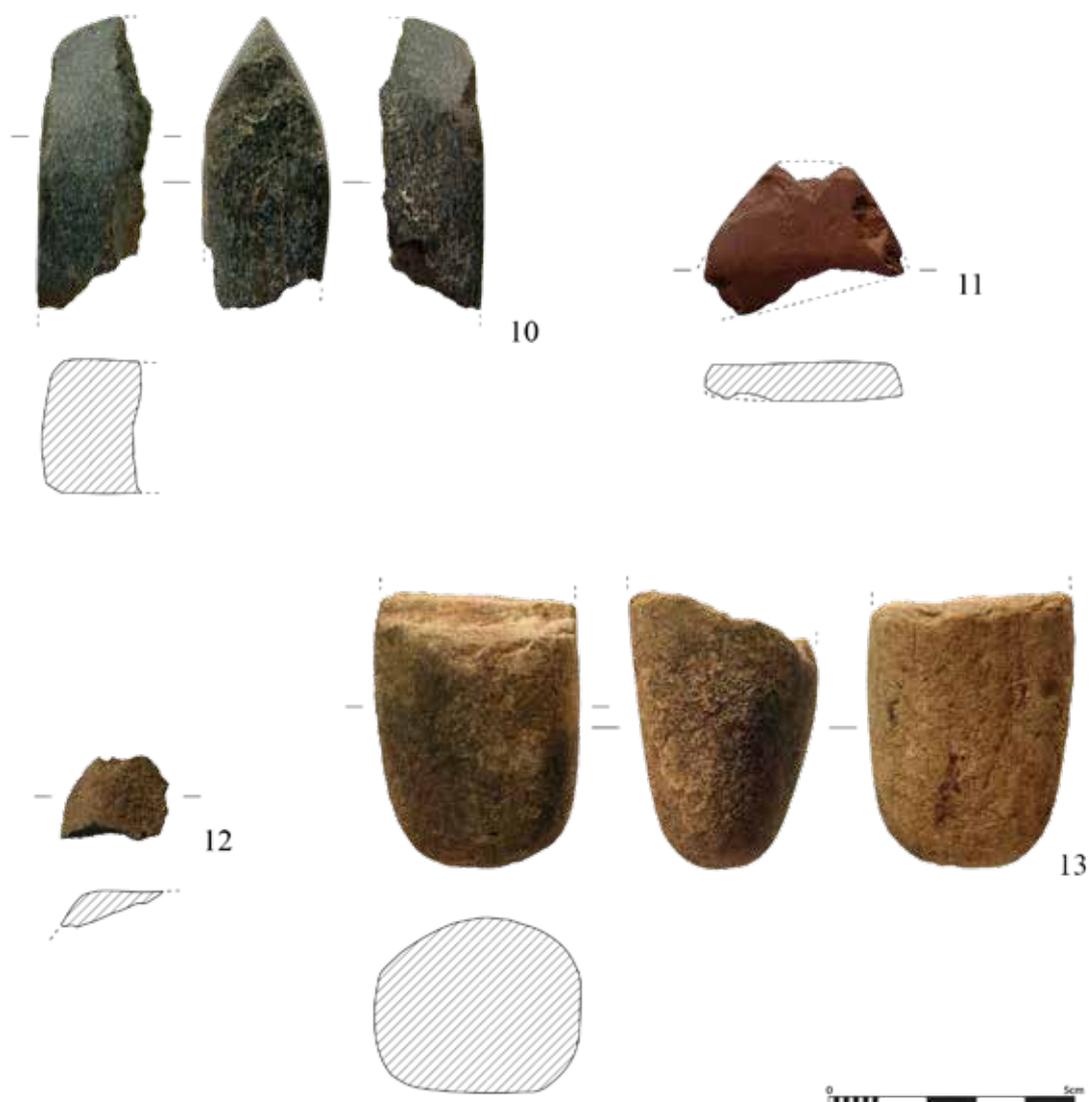
5.1.1. Pedra lascada (Fig. 7)

- seixos: foram recolhidos dois seixos em quartzito e um seixo talhado/percutor também em quartzito;
- núcleos: destaca-se a presença de um seixo-núcleo em quartzito, dois núcleos de lascas, em quartzito, um núcleo de lamelas, em sílex e um núcleo de lascas, também ele em sílex;
- reavivamento e restos de talhe: uma lasca de

descorticação e *tablette* em sílex;

- utensílios: lascas retocadas em sílex, um exemplar de lamela retocada, em sílex, furador sobre lâmina, novamente em sílex, e furador sobre lasca sobre a mesma matéria-prima. Relata-se ainda a presença de uma lasca espessada em quartzito, um fragmento esquirolado, em sílex, fragmento mesial de lâmina de secção triangular, em sílex e um denticulado sobre lasca, em sílex.

Fig. 8 – Elementos de pedra polida do Paço.



5.1.2. Pedra polida (Fig. 8)

- machados: foram recuperados dois fragmentos, um distal e outro proximal, em anfibolito, classificáveis como machados de pedra polida. Os dois fragmentos apresentam secção sub-rectangular;
- jaspe: fragmento de jaspe polido;
- matéria-prima: foi igualmente recolhido um fragmento de anfibolito polido, sem que nenhuma tipologia lhe tivesse sido compreendida.

5.1.3. Pedra afeiçãoada

- placa em grés: fragmento de placa informe, em grés, de secção rectangular;
- seixo-polidor: seixo cuja superfície se encontra

desgastada, tendo sido, muito provavelmente, usado enquanto polidor;

- polidor: fragmento de polidor, em anfibolito;
- Jaspe polido: foi recolhido um fragmento em jaspe cuja superfície se encontrava trabalhada.

5.2. Produções cerâmicas

5.2.1. Cerâmicas lisas (Fig. 9)

O número de fragmentos de recipientes lisos identificáveis ascende aos 27 exemplares (bordos e bojos).

- caçoilas: surgem neste grupo cerca de seis exemplares de dimensões reduzidas/médias,

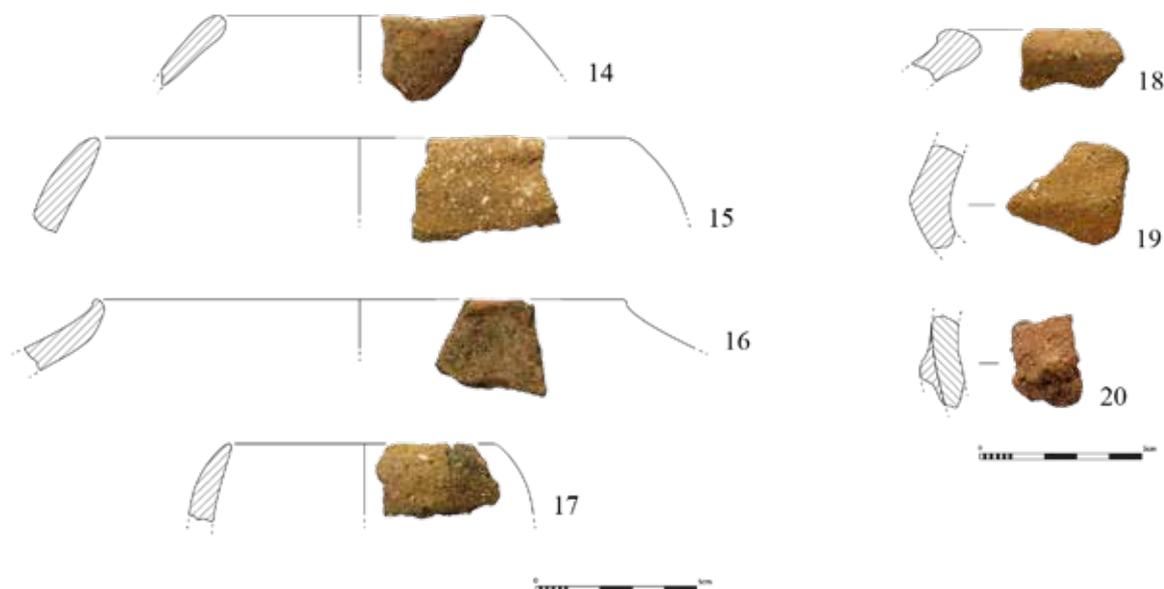


Fig. 9 – Tipologias das cerâmicas lisas identificadas em recolhas de superfície no sítio do Paço.

estando representados os fragmentos de bordo arredondado, bordo afilado, taça de bordo extrovertido e bordo em aba. Todos os exemplares aqui mencionados dizem respeito a elementos sem decoração;

- esféricos: recolheram-se dez fragmentos desta tipologia, estando presentes esféricos de bordo afilado, bordo arredondado (Fig. 9, n.ºs 14 e 15), bordo espessado externamente (Fig. 10, n.º 18) e bordo direito. Surgiu ainda um exemplar de esférico globular de bordo extrovertido (Fig. 9, n.º 16);

- taças em calote: surgiram, no conjunto, três exemplares com bordo em aba, bordo afilado e bordo arredondado;

- vasos carenados: foram recolhidos quatro fragmentos de vasos carenados. Os fragmentos correspondem à zona da carena, sem que nenhum bordo esteja presente (Fig. 10, n.º 19);

- globular: surgiu um bojo referente a um vaso globular de pequenas dimensões.

5.2.2. Cerâmicas decoradas

Recolheram-se 27 fragmentos decorados, variando entre cerâmicas campaniformes (2), do grupo folha de acácia, decoração penteada e impressões verticais. As pastas apresentam uma qualidade reduzida, onde é possível observar vários elementos não plásticos de quartzo, com cerca de 5 mm de diâmetro,

e micas, em alguns casos.

Não está visível algum tipo de tratamento da superfície das peças, nomeadamente aguadas, no entanto, o tipo de tratamento é regular e homogéneo em todas as peças, tanto nas decoradas como nas sem decoração. Ainda assim é de salientar que estas conclusões se encontram enviesadas tendo em conta que o conjunto provém de recolhas de superfície, com claros processos pós-deposicionais.

Do ponto de vista decorativo predominam as cerâmicas do tipo “folha de acácia”.

A maioria dos fragmentos decorados corresponde a bojos, sendo, portanto, impossível definir a sua forma enquanto recipiente, assim sendo, foram identificados:

- vasos mamilados: dois exemplares de fragmento de bordo arredondado que ostentam um mamilo único, imediatamente abaixo do bordo (Fig. 11, n.º 20);

- decoração penteada: quatro exemplares com decoração penteada horizontal;

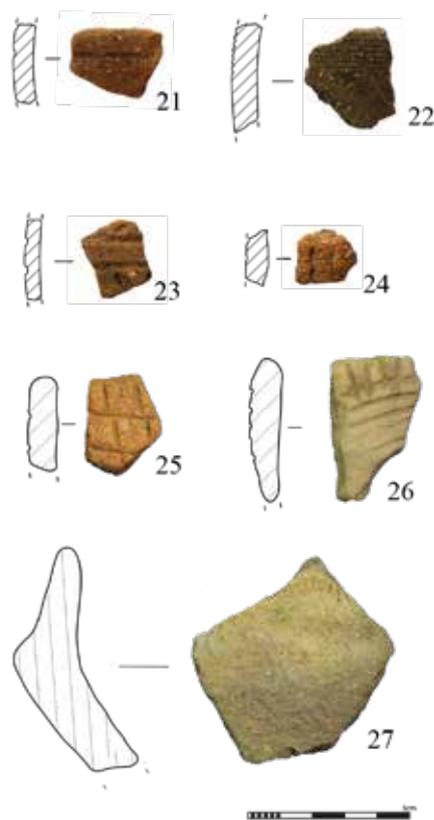
- cerâmica com impressões verticais: foi recuperado um fragmento cerâmico com impressões verticais realizadas sobre a pasta fresca;

- Cerâmicas do grupo folha de acácia: foram identificados seis fragmentos de cerâmica com decoração folha de acácia (Fig. 11, n.º 23). Destaca-se um fragmento cerâmico de folha de acácia do tipo crucífera (Fig. 11, n.º 25);

- campaniforme: foram recolhidos dois fragmentos de cerâmica campaniforme, um deles

Fig. 10 – Formas de cerâmicas lisas identificadas em recolhas de superfície no sítio do Paço.

Fig. 11 – Cerâmicas decoradas do Paço:
 21) Canelura;
 22) Cerâmica
 Penteada;
 23) Folha de Acácia;
 24) reticulado inde-
 terminado preenchido
 a pasta branca;
 25) Folha de Acácia;
 26) possível exemplar
 campaniforme;
 27) carena
 ombreada (possível
 campaniforme).



corresponde a um possível ombro campaniforme sem decoração (Fig. 11, n.º 27) e um fragmento de bordo de campaniforme inciso, possivelmente atribuível ao estilo “Palmela” (Fig. 11, n.º 26).

- Indeterminada: foi individualizado um fragmento de bojo, reticulado, preenchido a pasta branca que, pela sua reduzida dimensão, não foi passível de classificar a nível decorativo. Verifica-se que a produção cerâmica lisa e decorada é dominada, maioritariamente, pelos esféricos de dimensões médias (dez exemplares). Destacam-se igualmente as taças em calote de bordo relativamente simples (arredondado e afilado).

A natureza das pastas e fabrico das cerâmicas decoradas é relativamente semelhante aos exemplares lisos, variando entre as pastas argilosas de cozedura oxidante e pastas de índole calcária (Fig. 11).

5.2.3. Componente de tear

- elementos de tear: foram identificadas duas placas cerâmicas perfuradas. Ambas se encontram fragmentadas na sua parte proximal.

5.3. As leituras possíveis

Relativamente às leituras fornecidas pelos artefactos, são reconhecidas diversas influências, principalmente fornecidas pela componente cerâmica. Uma vez que a indústria lítica não é particularmente expressiva e variada neste conjunto, a informação por si gerada restringe-se à proveniência de materiais. No caso do sílex, este poderá provir da zona das Cesaredas. Apenas uma análise mais pormenorizada, preferencialmente de um conjunto mais vasto, poderá determinar com maior indubitabilidade esta questão. No caso do jaspe e anfíbolo, estes terão provindo da região alentejana, ainda que possa ser considerada a sua existência na região de Abrantes.

Os elementos de pedra polida estão directamente em concordância a maioria dos artefactos recolhidos, no que toca a cronologias, sugerindo uma temporalidade calcolítica. Numa leitura preliminar, são reconhecidos artefactos eventualmente ligados às actividades quotidianas, como poderá ser o caso dos elementos de tear, cuja funcionalidade tem, sido reafirmada (Cura, Martins & Neves, 2020). Outras funções podem ser sugeridas, nomeadamente a sua possível adaptação como pesos para a pesca, tendo em conta a sua implantação e paleoambiente.

No que respeita à componente cerâmica, são especialmente particulares da Estremadura as decorações que exibem motivos “folha de acácia”, muitas vezes associadas a grandes vasos globulares. No caso do Paço, os elementos cerâmicos encontram-se muito fragmentados, não estando presentes bordos que nos permitam aferir as dimensões destes contentores. Elementos cerâmicos do grupo “folha de acácia” são conhecidos em diversos sítios arqueológicos como Penedo do Lexim (Sousa, 2010), Ota (Texugo, 2016), Vila Nova de São Pedro (Martins & alii, 2019), Zambujal (Kunst, 1996) ou Castro da Rotura (Gonçalves, 1971). Destaca-se um fragmento de crucifera, também detectado noutros locais, como Moinho do Custódio (Sousa & Lopes, 2017), Moita da Ladra (Cardoso, 2014) e Barranco do Farinheiro (Gonçalves & alii, 2017).

As produções lisas não são muito diversas, e francamente difíceis de enquadrar cronologicamente sem a devida informação estratigráfica. Sendo os artefactos aqui analisados provenientes

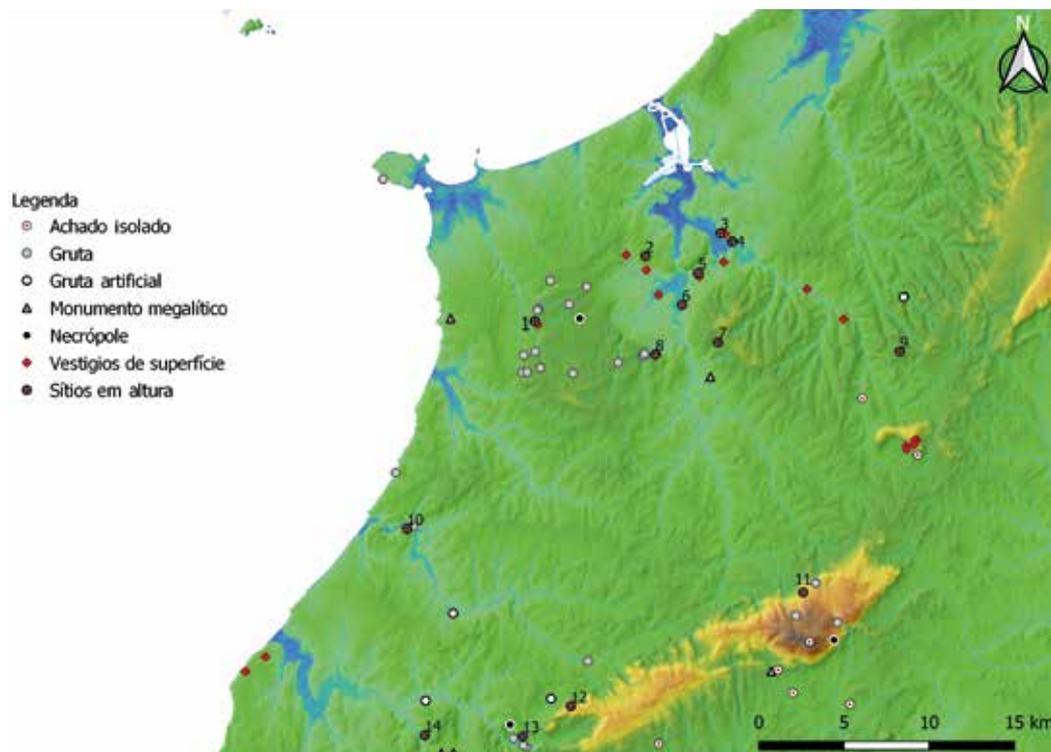


Fig. 12 – Dispersão dos sítios arqueológicos, por tipologia, na área em estudo (segundo dados do Portal do Arqueólogo).

de recolhas de superfície, não é possível determinar, de forma filtrada, a sua inclusão cronológica, tendo-se optado pela inclusão numa categoria mais generalista: Neolítico Final/Calcolítico.

No caso de Leceia (Oeiras), as produções campaniformes, misturam-se com cerâmicas decoradas de estilos regionais, como é o caso da folha de acácia e crucifera, a partir dos inícios do segundo quartel do III milénio a.C. (Cardoso, 1997–1998), ainda que sítios como Leceia, devido às suas fortes dinâmicas construtivas e reformulações arquitectónicas, apresentem problemas no que concerne a sua clareza cronológica.

Assim, é possível considerar que, na Estremadura, coexistem distintas práticas decorativas, possivelmente reflexo de dinâmicas sociais e identitárias complexas, no decurso do III milénio a.C. Estas diferenças apenas podem ser explicadas por razões de carácter social, além de que, a presença/ausência de campaniforme no registo arqueológico não assume propriamente um significado cronológico, uma vez que, numa área geográfica distinta, podem efectivamente coexistir sítios com e sem campaniforme.

No Paço, verifica-se a ocorrência de cerâmica campaniforme e do grupo decorativo “folha de acácia”, enfatizando a ocupação Calcolítica

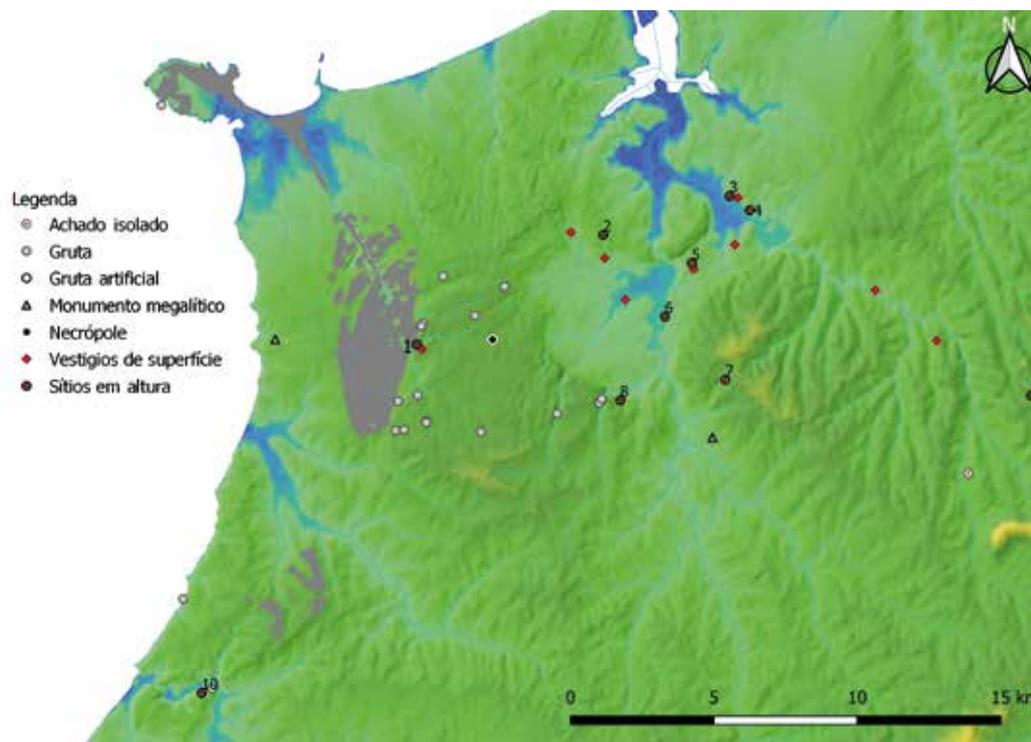
deste sítio. No caso dos fragmentos cerâmicos com decoração penteada, os mesmos são bastante frequentes ao longo do curso do Douro português, ocorrendo igualmente na zona da bacia do Alto Mondego, atingindo com relativa expressão a Alta Estremadura (Gonçalves, 1991), mas com menor representatividade as áreas a sul do Montejunto (Cardoso, 1995; Basílio & Texugo, 2017a). Assim, pelo material recolhido, o Paço terá sido ocupado, de forma relativamente segura, durante o Calcolítico, podendo eventualmente, ser sugerida uma presença de artefactos enquadráveis no final do IV milénio a.C., ainda que de forma muito ténue.

6. A um Paço da sua territorialidade

O território calcolítico a noroeste da Serra do Montejunto, onde se integra o sítio do Paço, encontra-se intimamente relacionado com as bacias hidrográficas do Rio Real, Rio Grande e Alcabrichel, em estreita relação com o mundo atlântico (Fig. 12).

Este aspecto é oposto ao que se denota a sudeste da mesma elevação, com um fácies muito mais relacionado com o ambiente fluvial do Tejo, em que os sítios calcolíticos, denominados “Povoa-

Fig. 13 – Mapa de visibilidades a partir do sítio do Paço.



dos Fortificados”, tendem a desenvolver-se sobre afluentes expressivos. Ainda assim, no cômputo geral, as características de implantação destes sítios em altura são compartilhadas — ocupações em altura, sobranceiras a linhas de água, com boa exposição solar, acesso a solos férteis, com evidências de monumentalidade natural e/ou construída. No entanto, e ainda que se possa valorizar, no discurso, um certo determinismo na ocupação dos “Povoados Fortificados”, devemos reconhecer que, ainda que semelhantes, as dinâmicas sociais vigentes podem ser distintas e assimétricas. É, como tal, necessário considerar, para além das condições físicas, possíveis razões cosmológicas e cosmográficas associadas à sua ocupação, aquando do processo de caracterização das biografias e trajectórias únicas de cada lugar. O sítio arqueológico do Paço integra um conjunto de 10 sítios em altura, semelhantes fisicamente entre si, que se relacionam igualmente com o ambiente marítimo. Nestes, é possível compreender organizações espaciais que podem, eventualmente, espelhar distintos nichos paisagísticos, com relações de partilha entre si. São disso um possível exemplo os sete sítios em redor da Lagoa de Óbidos, dos quais se destacam o Outeiro da Assenta (Cardoso & Martins, 2009), de São Mamede (Jordão, 2010) e o Castro da Columbeira (Gonçalves, 1994).

Por oposição, o sítio do Paço surge, aparentemente, isolado e desconexo, ainda mais quando consideramos a análise da sua visibilidade. Para proceder a este estudo, foi implementada uma metodologia baseada em software SIG, neste caso o QGIS (versão estável 3.10.5) e GRASS 7.8.2, com recurso à ferramenta *r.viewshed* que gera uma visão geral da visibilidade de um, ou mais pontos.

A análise binária de visibilidade é a mais recorrente em trabalhos arqueológicos, resultando num ficheiro *raster*, no qual se pode visualizar o contraste entre as células visíveis e não visíveis. A nível técnico, é produzida uma análise da linha de visão entre o ponto de origem e as células em seu redor, com base num modelo digital de terreno (MDT). As células que não são bloqueadas, por elevações ou outros obstáculos, são classificadas como visíveis, com a atribuição do valor “1”. Por oposição, as células invisíveis são classificadas com “0”. Como tal, o resultado da análise, é uma combinação binária entre 0's e 1's (Ashton, 2010). No caso do MDT de base para as análises produzidas, foi utilizado um Modelo Digital disponibilizado pela plataforma europeia Copernicus (<http://land.copernicus.eu>) — EU-DEM2 EUROPE_1 v. 1.1 com uma resolução de 25 m e precisão vertical de cerca de 7 m (Fig. 13). Os resultados da visibilidade do sítio do Paço

são referentes a uma análise feita a 1,75 m de altura em relação ao solo, com um raio de estudo de 15 km em redor do sítio em estudo. Foi também tida em conta uma correcção da refração atmosférica de 0,13. Os parâmetros definidos permitiram gerar um mapa que demonstra que a visibilidade do sítio do Paço era limitada pelas elevações circundantes, inclusivamente, pelo próprio planalto das Cesaredas. Estas bloqueavam, segundo o resultado da análise, a intervisibilidade do Paço com os sítios congéneres em seu redor, afinilando a disponibilidade visual do sítio em estudo à ribeira de São Domingos, à Ilha de Peniche e, de forma residual, ao cerrado a SO na zona dos Casais de Fonte Lima (Lourinhã). Estes resultados sugerem um possível controlo visual sobre a paisagem a oeste, o que exclui o Paço do nicho de sítios ao redor da Lagoa de Óbidos e/ou Serra do Montejunto. Como tal, diversas linhas interpretativas podem ser sugeridas para este aparente isolamento físico e visual. Por um lado, pode sugerir-se a sua integração numa mesma rede de povoamento dos sítios da Lagoa de Óbidos, atribuindo-lhe uma funcionalidade própria que, ainda que pouco clara, se relacionaria com o início do acesso ao Planalto das Cesaredas. Outra possibilidade passa pelo seu posicionamento face a um hipotético controlo do acesso aos recursos e contactos interfluviais e marítimos. Por outro, esta aparente exclusão poderá indicar limites de contacto e de relações, ou seja, possíveis diferenças nas redes de povoamento, ou mesmo diferenciações identitárias, que se materializam espacialmente. Todavia, e considerando o parco conhecimento em relação às temporalidades e dinâmicas sociais vigentes no Paço, não é possível dar preferência a nenhuma das hipóteses interpretativas, considerando-se esta análise de visibilidades apenas como um exercício indicativo para futuras investigações.

6.1. Paço a passo: nas rotas calcólicas

Nesta linha, e com o intuito de testar as relações físicas das expressões antrópicas regionais e o sítio do Paço, foram levadas a cabo análises de *Least Cost Path* (rotas de menor custo). Para tal, foram novamente utilizados os softwares já mencionados QGIS e GRASS, com um procedimento metodológico distinto. Num

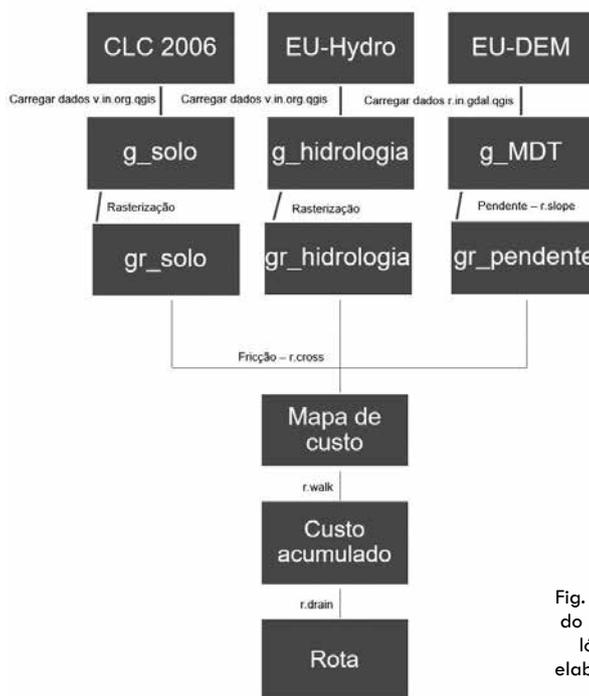


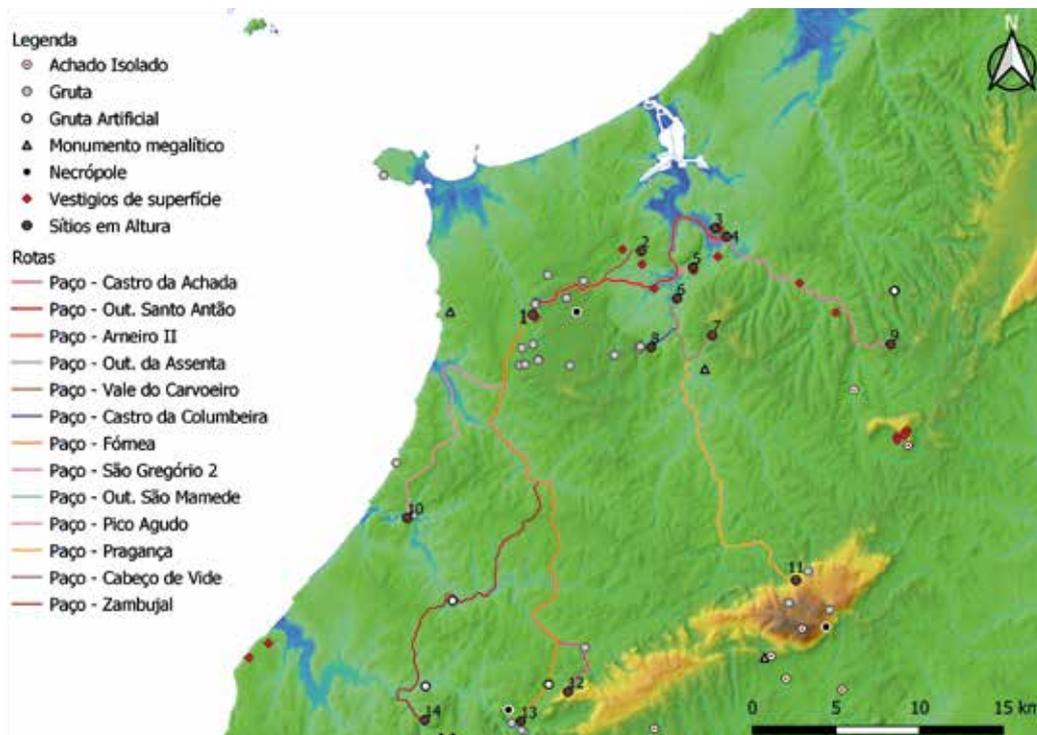
Fig. 14 – Fluxograma do processo metodológico aplicado na elaboração das rotas de menor custo.

primeiro momento, a informação cartográfica foi incorporada no módulo GRASS, sendo posteriormente reclassificada para possibilitar o cálculo da fricção (mapa de custo). Numa segunda fase, foi gerado um mapa de custo acumulado que, por sua vez, permitiu a aplicação do modelo para calcular a rota óptima entre o Paço e os distintos sítios circundantes (Fig. 14).

A informação cartográfica de base é a mesma que a utilizada para as análises de visibilidade (EU-DEM), tendo sido complementada por bases referentes à hidrografia (EU-Hydro v. 1.1 da plataforma Copernicus) e aos solos (Corine Land Cover 2006 v.20 disponível na mesma plataforma). A partir do MDT foi originado o mapa de pendentes, utilizando-se a ferramenta *r.slope*. Estes produtos foram então reclassificados, tendo por base os trabalhos de Llobera (1999) no caso do mapa de pendentes (pendente/esforço) e os de López Romero (2005) para a reclassificação dos rios, quanto à valorização do esforço para os atravessar e, igualmente, para a classificação dos solos, em relação ao esforço de progressão nos diferentes tipos de vegetação existentes.

A este processo segue-se o cálculo da fricção que, no fundo, corresponde ao cálculo do custo para ultrapassar cada *pixel* do mapa. Neste sentido foi utilizada ferramenta *r.cross*, tendo

Fig.15 – Rotas de menor custo entre o Paço e os sítios de altura congêneres.



por base os mapas hidrológico, de pendentes e de solos reclassificados. Por sua vez, o mapa de fricção permitiu a execução do módulo *r.walk* para originar um novo mapa, que indica o custo de chegada a um destino pré-definido — neste caso, o sítio do Paço. A partir daqui, foi aplicada a ferramenta *r.drain* para todos os sítios congêneres, a norte do Montejuento, na região oeste — cerca de 25 km a partir do Paço (Fig. 15).

Os resultados obtidos revelaram relações inesperadas uma vez que, assumindo que as bacias hidrográficas representariam uma parte significativa do sistema de mobilidade pré-histórico, na análise realizada os caminhos que cruzam bacias hidrográficas (ou seja, que não acompanham o curso dos rios) destacam-se, revelando possíveis influências e determinismo culturais entre sítios arqueológicos. Sublinham-se então as rotas Paço-Zambujal, ou mesmo o percurso Paço-Pragança, que deverão ser aprofundados em futuros trabalhos.

No caso da primeira, e segundo os resultados da análise, a rota Paço-Zambujal compartilha, na sua grande maioria, caminhos com as rotas em direcção ao Castro da Achada, Fórnea e Pico Agudo. Não deixa de ser igualmente importante salientar a intersecção da rota até ao Zambujal com duas grutas artificiais, nomeadamente o Casal da Lapa (Freitas, 1959) e Bolores (Zilhão,

1986). Ainda que esta análise não tenha considerado, na elaboração do mapa de fricção, valores inerentes à presença de outros sítios arqueológicos, a sua existência poderá ter afectado e condicionado a mobilidade na Pré-História, uma vez que nem sempre se recorria ao percurso mais rápido por influências e práticas culturais. Ainda assim, e reconhecendo que as grutas artificiais implicam um processo construtivo e de manutenção antrópica, a existência de uma rota de passagem nas imediações poderá ter influenciado o seu posicionamento.

Já no que concerne ao caminho Paço-Pragança, este foi destacado por partilhar a sua “rota óptima” com o nicho de sítios localizados em redor da Lagoa de Óbidos, no acesso à Serra do Montejuento. Esta elevação tem sido interpretada como uma barreira física, ambiental e cultural (Basílio & Texugo, 2017b), tendo relações atestadas a sítios como o Outeiro da Assenta e de São Mamede, denotando-se igualmente influências com o sítio do Paço, pela presença, no reduzido conjunto de materiais, de cerâmicas penteadas. Em suma, e considerando que as análises apresentadas têm um carácter essencialmente exploratório, o presente estudo visa sugerir algumas linhas de investigação futuras, no que concerne à Arqueologia do território na zona oeste de Portugal.

7. Considerações finais

O estudo do sítio arqueológico do Paço, ainda que limitado pela ausência de informações contextuais e cronológicas sólidas, permitiu relacionar o local com a sua envolvente e congéneres imediatos. Foram, nesta linha, identificadas possíveis organizações espaciais e territoriais, sugerindo-se, por um lado, a integração do sítio do Paço na rede detectada ao largo da Lagoa de Óbidos, por outro, o seu possível isolamento intencional, face a uma possível unidade identitária a NE.

A análise dos artefactos recolhidos não permitiu fortalecer nenhuma das hipóteses interpretativas, ainda que tenha sido possível clarificar que o Paço terá tido uma dinâmica social particularmente notória no Calcolítico. As balizas cronológicas tiveram essencialmente em conta a presença de taças carenadas, cerâmica campaniforme e “folha de acácia”. Apesar de ser um conjunto cerâmico relativamente pequeno, a diversidade que o mesmo possui permite aferir que o Paço usufruiu de diversas influências da área estremenha, mas também das comunidades do centro do país, o que poderá estar atestado pela presença de cerâmicas de decoração penteada. Também é possível sugerir uma eventual ligação ao Alentejo, devido à presença de anfibolito, ainda que outras jazidas regionais sejam conhecidas, como é o caso de Abrantes.

A panóplia de matérias-primas presentes possibilitou ainda a identificação de ligações a áreas exógenas (fora da região de estudo), mas também a própria valorização da matéria-prima local, como é o caso do uso de quartzito e sílex, que poderão provir das áreas próximas ao sítio arqueológico. Desta forma, e

ainda que com muitas ressalvas devido ao pouco conhecimento sobre o sítio, pode-se sugerir que o Paço terá sido parte integrante das dinâmicas calcolíticas da região oeste, podendo ter, inclusivamente, sido um agente nas construções dos mosaicos identitários, de povoamento e de mobilidade e contactos em relação ao Oceano Atlântico.

Nesta linha, surge a importância do estudo espacial exploratório levado a cabo no presente trabalho, que possibilitou a aferição de possíveis rotas de transitabilidade entre sítios arqueológicos congéneres e, eventualmente, contemporâneos. Mais do que conclusões, o presente trabalho permitiu estabelecer e identificar um conjunto de linhas de investigação futuras, salientando-se a necessidade de clarificar, por meios de escavação arqueológica, as reais dinâmicas do sítio do Paço. Para além desta, ficam por completar trabalhos que possibilitem aferir a validade das rotas óptimas identificadas, bem como a sua relação com a implantação de realidades funerárias antrópicas, como é o caso das duas grutas artificiais entre o sítio em estudo e o Zambujal.

Agradecimentos

Deixamos o nosso profundo agradecimento à Professora Ana Catarina Sousa pelo seu apoio e colaboração em todos os pontos do nosso percurso e ao Doutor João Caninas, da empresa EMERITA, pela autorização na publicação de dados dos Estudos de Impacto Ambiental. Um especial obrigado também à Ana Catarina Basílio, pelas suas sugestões, revisão e ajuda na realização deste trabalho.

Bibliografia citada

- ASHTON, Edward (2010) – Viewshed creation: from digital terrain model to digital surface model. In *2010 ESRI International User Conference Paper UC 1193* (July 12–16, San Diego).
- BASÍLIO, Ana Catarina; TEXUGO, André (2017a) – Ensaio sobre a cegueira: olhar o Montejunto pelo “Campaniforme”. In COELHO, Inês Pinto; TORRES, Joana; GIL, Luís S.; RAMOS, Tiago, eds. – *Entre ciência e cultura: da interdisciplinaridade à transversalidade da arqueologia*, Actas das VIII Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica. Lisboa: Universidade Nova, pp. 117–125.
- BASÍLIO, Ana Catarina; TEXUGO, André (2017b) – Looking in view: cultural expressions of Montejunto Bell Beakers. In GONÇALVES, Victor S., ed. – *Sinos e taças. Junto ao oceano e mais longe: aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: UNIARQ, pp. 230–237.
- CARDOSO, João Luís (1995) – Cerâmicas decoradas a pente, do Calcolítico de Leceia (Oeiras) e da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 5, pp. 243–249.
- CARDOSO, João Luís (1997–1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 7, pp. 89–153.
- CARDOSO, João Luís (2007) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 14, pp. 9–276.
- CARDOSO, João Luís (2014) – O povoado calcolítico fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa): resultados das escavações efectuadas (2003–2006). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 21, pp. 217–294.
- CARDOSO, João Luís; MARTINS, Filipe (2009) – O povoado pré-histórico do Outeiro da Assenta (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17, pp. 261–356.
- CARDOSO, João Luís; SOARES, António Monge; MARTINS, José M. Matos (2011) – Fases de ocupação e cronologia absoluta da fortificação calcolítica do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18, pp. 553–578.
- CURA, Pedro; MARTINS, Andrea; NEVES, César (2020) – Gestos e técnicas de Vila Nova de São Pedro: workshops de Arqueologia Experimental no Museu Arqueológico do Carmo, em 2019. *Al-Madan Online*. 2.º Série. 23:1, pp. 168–170.
- DELGADO, Nery da Encarnação (1867) – *Da existência do homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelos estudos das cavernas. Notícia acerca das Grutas da Cesareda*. Lisboa: Academia Real das Ciências.
- FERREIRA, Octávio da Veiga (1970) – Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do professor Manuel Heleno. *O Arqueólogo Português*. 3.ª série: 4, pp. 163–174.
- GONÇALVES, João Ludgero Marques (1994) – Castro da Columbeira: uma primeira fase do Calcolítico médio Estremenho? *Al-Madan*. 2.ª série. 3, pp. 5–7.
- GONÇALVES, Victor S. (1971) – *O Castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Setúbal: Junta Distrital.
- GONÇALVES, Victor S. (1991) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma aproximação integrada*. Lisboa: Universidade.
- GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina; ANDRADE, Marco António (2017) – O Barranco do Farinheiro (Coruche) e a presença campaniforme na margem esquerda do baixo Tejo. In GONÇALVES, Victor S., ed. – *Sinos e taças. Junto ao oceano e mais longe: aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: UNIARQ, pp. 98–125.
- JORDÃO, Patrícia (2010) – *Análise de proveniência de matérias-primas líticas da indústria de pedra lascada do povoado calcolítico de S. Mamede (Bombarral)*. Apresentada como tese de Mestrado em Geoarqueologia. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- JORDÃO, Patrícia; MENDES, Pedro (2006–2007) – As grutas artificiais da Estremadura portuguesa: uma leitura crítica das arquitecturas. *Arqueologia e História*. 12:58–59. pp. 43–78.
- KUNST, Michael (1996) – As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura Portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 6. pp. 257–287.
- LLOBERA, Marcos (1999) – Understanding movement: a pilot model towards the sociology of movement. In LOCK, Gary, ed. – *Beyond the map: archaeology and spatial technologies*. Amsterdam: IOS Press, pp. 65–84.
- LÓPEZ ROMERO, Raul (2005) – Cálculo de rutas óptimas mediante SIG en el territorio de la ciudad celtibérica de Segeda: propuesta metodológica. *Saldvie*. 5, pp.95–111.
- MARTINS, Andrea; Neves, César; ARNAUD, José; DINIZ, Mariana (2019) – O povoado Calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): notas sobre as campanhas de escavação de 2017 e 2018. *Arqueologia e História*. 69, pp. 133–167.
- MONTEIRO, Mário; PEREIRA, André (2011/2012) – *Relatório sobre o Descritor Património Arqueológico, Arqueológico e Etnológico do RECAPE*. < <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/> > [acedido em 29-03-20].
- PAÇO, Afonso do; VAULTIER, Máxime (1945) – Braceletes de ouro de Atouguia da Baleia (Peniche). *Boletim da Junta de Província da Estremadura*. 10, pp. 409–423.

RENDEIRO, Luís; CONSTANTINO, Adriano (2016) – *Relatório de progresso sobre as prospeções arqueológicas na freguesia de Ferrel no âmbito da carta arqueológica de Peniche*. < <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/> > [acedido em 29-03-20].

RENDEIRO, Luís; CONSTANTINO, Adriano; DELICADO, Cátia (2018) – A ocupação pré-histórica da Gruta da Barroda 3 (Atouguia da Baleia, Peniche): uma análise preliminar. *Scientia Antiquitatis*. 2:2, pp. 49–80.

SÁ, Anabela Pereira de; CHÉNEY, António (2007) – O Povoado do Paço: notícia preliminar. *Al-Madan*. 2.ª série. 15, pp. 49–52.

SOUSA, Ana Catarina (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento em Pré-História apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SOUSA, Ana Catarina; LOPES, Jorge (2017) – O Sítio do Moinho do Custódio (Arruda dos Vinhos): leituras preliminares e algumas considerações sobre o povoamento calcolítico na península de Lisboa. *Ophiussa*. 1, pp. 51–67.

SPINDLER, Konrad; GALLAY, Gretel (1972) – Die Tholos von Pai Mogo. *Madrider Mitteilungen*. 13. pp. 38–108.

TEXUGO, André (2016) – *O 4º e o 3º milénio a.n.e. sítio da Ota (Alenquer): perscrutando por entre colecções antigas e projectos recentes*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

TEXUGO, André; PEREIRO, Tiago do (2017) – *Relatório sobre a revisão do Plano Director Municipal de Peniche. Reavaliação de sítios referenciados na Carta Arqueológica de Peniche*. < <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/> > [acedido em: 29-03-20].

VASCONCELLOS, José de Leite de (1910) – Acquisições do Museu Ethnologico Português (1910). *O Arqueólogo Português*. 15, p. 15.

ZILHÃO, João (1984) – A gruta da Feteira (Lourinhã). Escavação de salvamento de uma necrópole neolítica. Lisboa: IPPC.

ZILHÃO, João (1987) – Bolores. *Informação Arqueológica* 8, pp. 54–55.